

A psicologia no
Brasil:
Teoria e pesquisa

2

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



 **Atena**
Editora
Ano 2022

A psicologia no
Brasil:
Teoria e pesquisa

2

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa 2 / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-967-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.674220702>

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa*, reúne neste volume dezoito artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

A Psicologia enquanto campo teórico-metodológico traz em suas raízes tanto a especulação filosófica sobre a consciência, a investigação psicanalítica do inconsciente, quanto a prática dos efeitos terapêuticos da medicina e em especial da fisiologia.

E, desse ponto de partida se expande a uma infinidade de novas abordagens da consciência humana, creditando ou não algum poder para o inconsciente como plano de fundo.

A presente coletânea trata de algumas dessas abordagens em suas elaborações mais atuais como podemos ver nos primeiros capítulos em que se tratam do inconsciente em suas relações com os corpos, as contribuições socioeducativas entre outros olhares para o que é abarcado pelo psiquismo humano.

Em seguida temos alguns temas situacionais de nossa realidade imediata quanto aos efeitos psicológicos do isolamento social e o medo da morte.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

CARNAVALIZAÇÃO BAKHTINIANA E “O AUTO DA COMPADECIDA”: A COMICIDADE COMO DENÚNCIA SOCIAL E RESISTÊNCIA POLÍTICA

Larissa de Souza Ferraz

Alice Oliveira Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207021>

CAPÍTULO 2..... 14


FEMINISMO DECOLONIAL: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA NA BASE DE DADOS SCOPUS

Lucas da Costa Souza

Milena Rafaela Souza Silva

Carla Gabrielle Galvão Melo

Eleci Teresinha Dias da Silva


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207022>

CAPÍTULO 3..... 26

RESGATAR E TRANSFORMAR: UM GRITO DE SOLTURA QUE ECOA NO BRASIL

Alanna Beatriz de Paula Alves

Juliana Santos Graciani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207023>

CAPÍTULO 4..... 35

NECROPOLÍTICA NO ESTADO BRASILEIRO: QUEM DEVE VIVER?

Maíry Aparecida Pereira Soares Ribeiro

Ondina Pena Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207024>

CAPÍTULO 5..... 42

O DIREITO A RESPIRAR DA POPULAÇÃO BRASILEIRA


Hugo Gabriel de Souza Vaz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207025>

CAPÍTULO 6..... 50

A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REFLEXOS DA PANDEMIA

Alessandra Chaves da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207026>


CAPÍTULO 7..... 62

IMPACTOS DA PANDEMIA NA SAÚDE EMOCIONAL DE UNIVERSITÁRIOS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRA

Emily Lemes Moisés

Maura Fernandes Sernichiario


Fernando Faleiros de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207027>

CAPÍTULO 8..... 74

ADOLESCÊNCIA E VIVÊNCIA DO VAZIO EXISTENCIAL EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Anna Julia Fontana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207028>


CAPÍTULO 9..... 89

AS INTERVENÇÕES SOCIAIS EXTERNAS AO QUILOMBO E O IMPACTO DESTA NA AUTOESTIMA DA MULHER AFRODESCENDENTE

Mariane Rodrigues Duarte

Fabricao Malaquias Pereira

Gabriela Buchli


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207029>

CAPÍTULO 10..... 111

LAZER COM REFUGIADOS NA CIDADE DE SÃO PAULO (SOCIALIZAÇÃO EM UMA NOVA ETAPA DA VIDA)

Bárbara Cardoso da Costa Santos

Madalena Pedroso Aulicino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070210>

CAPÍTULO 11..... 122

ENVELHE (SENDO) EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS

Nathália dos Santos Dutra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070211>

CAPÍTULO 12..... 138

PRÁTICAS DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Marcos Alexandre Alves

Josiane Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070212>

CAPÍTULO 13..... 151

MOVIMENTOS E COLETIVOS DA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE ENQUANTO AGENTES DE TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

Bianca Rocha Fiuza Sátiro

Maria Vanessa de Souza Araújo

Nara Raysa de Souza

André de Lima Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070213>


CAPÍTULO 14..... 156

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE POLICIAIS MILITARES: REFLEXÕES

PSICOSSOCIAIS A PARTIR DE CONTEXTOS EDUCACIONAIS E DE TRABALHO

Maria de Fátima Quintal de Freitas

Dênis Wellington Viana


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070214>

CAPÍTULO 15..... 174

ITINERÁRIOS DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E A FAMÍLIA DE USUÁRIOS DE UM CAPS DE BELÉM: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA

Renata Raiol Magalhães

Lucivaldo da Silva Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070215>

CAPÍTULO 16..... 185

ANÁLISE DA PERSONALIDADE DE UMA EQUIPE DE CONTABILIDADE: UM ESTUDO PELO TESTE PALOGRÁFICO

Camila Espíndula da Silva

Bianca De Bem Lucas

Edinara Bellini Taetti

Josemara dos Santos Rodrigues


Suélen Rocha Centena Pizarro

Andreia Quadros Rosa

Lenise Alvares Collares

Stefânia Martins Teixeira Torma


Suzana Catanio dos Santos Nardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070216>

CAPÍTULO 17..... 196

EPIDEMIOLOGIA OU INDÚSTRIA DE AUTISMO? ANÁLISE DOS EFEITOS PROVOCADOS PELA MUDANÇA NO DSM-V E A BUSCA DE PRÁTICAS TERAPÊUTICAS PARA A “CURA DO AUTISMO”

Alcione do Socorro Andrade Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070217>


CAPÍTULO 18..... 208

O QUE PREDIZ O ENVOLVIMENTO PARENTAL NAS ATIVIDADES ESCOLARES?

Myrian Machado de Paula Silveira

Vinícius Junio Goes da Silva

Leonardo Vasconcellos Munayer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070218>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 216

ÍNDICE REMISSIVO..... 217

AS INTERVENÇÕES SOCIAIS EXTERNAS AO QUILOMBO E O IMPACTO DESTA NA AUTOESTIMA DA MULHER AFRODESCENDENTE

Data de aceite: 01/02/2022

Mariane Rodrigues Duarte

Faculdade Morgana Potrich (FAMP), Psicologia
Mineiros – GO
<http://lattes.cnpq.br/3428383014370066>

Fabricio Malaquias Pereira

Faculdade Morgana Potrich (FAMP), Psicologia
Mineiros – GO
<http://lattes.cnpq.br/3576723447436841>

Gabriela Buchli

Faculdade Morgana Potrich (FAMP), Psicologia
Mineiros – GO
<http://lattes.cnpq.br/4509094857244209>

RESUMO: Introdução: Os países que se encontram os remanescentes da diáspora africana como o Brasil, as culturas negras ainda são consideradas como subculturas não sendo reconhecidas por parte da cultura dominante, sendo assim eles não conseguem alcançar a sua plenitude. Nesse sentido, é de grande relevância citar a Constituição de 1988, que trouxe reconhecimento para os quilombos através do artigo 68. O preconceito sobre os quilombos trazia a ideia de locais perigosos, de refúgio para negros e negras vadios, fugitivos e criminosos. Por muito tempo as mulheres negras não tiveram oportunidade de contar as suas próprias histórias e experiências, sendo que um dos estereótipos mais antigos é o das mulheres negras fortes, cuidadoras, trabalhadoras e que nunca se cansam. **Objetivo:** verificar como as interações sociais externas ao quilombo podem interferir

na autoestima da mulher afrodescendente.

Métodos: Pesquisa de campo com abordagem quanti-qualitativa e ocorreu na comunidade Quilombola Cedro em Mineiros-GO. Participaram 46 mulheres afrodescendentes da comunidade com idade entre 18 aos 59 anos. Respondendo ao questionário semiestruturado, Inventário de Habilidades Sociais (IHS 2) e a Escala de autoestima de Rosenberg (RSES). **Resultados:** Os contextos externos a comunidade interferem em como a mulher afrodescendente se autoavalia, pois os eventos traumáticos envolvidos do preconceito racial que elas já vivenciaram em algum momento de sua vida impactam e criando barreiras da forma como se comportam em ambientes sociais. **Conclusão:** As mulheres demonstram autoestima elevada, mesmo que com uma avaliação positiva sobre si, identificou-se a necessidade de desenvolver as habilidades sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher Afrodescendente. Contextos Externos. Autoestima.

ABSTRACT: Introduction: In countries where there are remnants of the African diaspora such as Brazil, black cultures are still considered subcultures that are not recognized by the dominant culture, so they cannot reach their fullness. In this sense, it is very important to mention the 1988 Constitution, that brought recognition to the quilombos through article 68. The prejudice about the quilombos brought the idea of dangerous places, of refuge for black men and women vagrants, fugitives, and criminals. For a long time black women have not had the opportunity to tell their own stories

and experiences, and one of the oldest stereotypes is that of strong, careful, hardworking, and never tired black women. **Objective:** To verify how the social interactions outside to the quilombo can interfere with the self-esteem of Afro descendant women. **Methods:** Field research with a quanti-qualitative approach and took place in the Quilombola Cedro community in Mineiros-GO. Participated 46 afrodescendant women of the community with age between 18 years to 59 years. Answering the semi-structured questionnaire, Inventory of Social Skills (IHS 2) and the Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES). **Results:** The contexts external to the community interfere in how the Afro-descendant woman evaluates herself, because the traumatic events involving racial prejudice that they have experienced at some point in their lives impact and creating barriers of how they behave in social environments. **Conclusion:** The women demonstrate high self-esteem, even with a positive evaluation about themselves, it was identified the need to develop social skills.

KEYWORDS: Afro-Descendant Woman. External Contexts. Self Esteem.

1 | INTRODUÇÃO

De acordo com Figueiredo (2013), os países que se encontram os remanescentes da diáspora africana como o Brasil, as culturas negras ainda são consideradas como subculturas não sendo reconhecidas por parte da cultura dominante, sendo assim, eles não conseguem alcançar a sua plenitude. Como consequência os negros ficam à mercê das influências da cultura dominante, fazendo com que eles tenham maior dificuldade em assumir uma posição identitária cultural.

As barreiras do racismo e machismo do período colonial, fez com que as mulheres negras fossem violentadas sexualmente, sendo tratadas como objetos sexuais e tendo os seus corpos hipersexualizados (RIBEIRO,2018). Por muito tempo as mulheres negras não tiveram oportunidade de contar as suas próprias histórias e experiências, sendo que um dos estereótipos mais antigos é o das mulheres negras fortes, cuidadoras, trabalhadoras e que nunca se cansam. A ideia de uma força inabalável é que a sociedade racista impôs a essas mulheres, tirando a humanidade e as colocando em um lugar onde tenham que lutar e resistir constantemente (ROSÁRIO, 2019).

Entretanto, “no campo da teoria da discriminação como interesse, a noção de privilégio é essencial. A discriminação racial teria como motor a manutenção e a conquista de privilégios de um grupo sobre outro, independente do fato de ser intencional ou apoiada em preconceito” (CARONE,2014, p. 28).

Nesse sentido, é de grande relevância citar a Constituição de 1988 que trouxe reconhecimento para os quilombos através do artigo 68, dando aos remanescentes o direito de permanência àqueles que ocupavam as terras de seus ancestrais (BRASIL, 1988). O preconceito sobre os quilombos trazia a ideia de locais perigosos, de refúgio para negros e negras vadios, fugitivos e criminosos. Contudo, os movimentos negros desde o início da fase do trabalho livre, já olhavam o quilombismo como fator heroico, demonstrando a

resistência negra na luta contra o sistema de injustiça social (CUNHA JUNIOR, 2012).

Conforme descreve o autor Moura (2007):

Atualmente, podemos conceituar Quilombos Contemporâneos como comunidades negras rurais habitadas por descendentes de africanos escravizados, que mantêm laços de parentesco e vivem, em sua maioria, de culturas de subsistência, em terra doada, comprada ou ocupada secularmente pelo grupo. Os habitantes dessas comunidades valorizam as tradições culturais dos antepassados, religiosas ou não, recriando-as no presente. Possuem uma história comum e têm normas de pertencimento explícitas, com consciência de sua identidade. São também chamadas de comunidades remanescentes de quilombos, terras de preto, terras de santo ou santíssimo (MOURA, 2007, p. 03).

Ao valorizarmos, considerarmos e respeitarmos as qualidades da cultura de um povo, respeitando os seus direitos, expressões e manifestações individuais e coletivas, sendo que quando houver liberdade frente a isso, o ambiente se torna mais propício para que o sentimento de autoestima se manifeste. Considerando que autoestima é algo que se aprende, cada sujeito vai se transformando à medida que se relaciona com os outros. Entretanto, para se ter autoestima é necessário se autoconhecer, pois, assim são maiores as chances de superar as suas limitações, ampliar suas possibilidades como indivíduo e se transformar através dos aprendizados que o cotidiano o envolve (JULIO, 2011).

Em uma sociedade que tem o racismo presente na vida cotidiana, as instituições que não tratarem como um problema a desigualdade racial irá perpetuar as práticas racistas consideradas “normais” na sociedade. Geralmente isso acontece nos governos, empresas e escolas que não tem mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais, tornando-se assim uma cadeia de transmissão de privilégios e violências raciais e sexistas. Sendo que para combatê-lo é preciso a implementação de práticas antirracistas efetivas pois o racismo pode ter sua forma modificada pela ação ou pela omissão dos poderes institucionais-estado, escola entre outros (ALMEIDA, 2021).

Como descreve Ribeiro (2018):

Racismo tem a ver com poder, com privilégios. A população negra não tem poder historicamente. Racismo é uma problemática branca, portanto temos que começar pela desmistificação. Dentro de comunidades marginalizadas pode haver preconceito, isso é uma coisa, mas poder é a definição de racismo. Por sermos vistos como diferentes e por essa diferença ser considerada problemática, ficamos de fora das estruturas de poder. Esse é o racismo estrutural, institucional, acadêmico, do dia a dia etc. Quando sabemos o que é o racismo, sabemos que, independentemente dos conflitos entre as diferentes comunidades, não há racismo inverso (RIBEIRO, 2018, p. 75)

Sendo assim atribuir uma qualidade negativa ao fenótipo negro, como “cabelo ruim”, diz muito sobre o padrão de beleza racista imposto em nossa sociedade, sendo que a norma é branca, tudo que se difere é interpretado como negativo. Dessa forma, é de extrema importância com que as pessoas brancas entendam como funcionam os mecanismos que

o racismo opera, pois elas podem reproduzi-los pensando que não reproduzem, por terem um marido, esposa ou filhos negros sendo que amar alguém de um grupo minorizado não os tornam imunes ao racismo, contudo, deve-se entender as condições do outro para que assim possa realizar ações de combate nas opressões as quais a pessoa amada vivencia, questionando as próprias ações no lugar de usar a pessoa amada como escudo (RIBEIRO, 2019).

Segundo Ribeiro (2018), quando feministas e militantes da luta antirracista se deparam como profissionais que as entrevistam e, quando elas começam a falar sobre as desigualdades existentes da violência as quais as mulheres e a população negra estão submetidas, acabam enfrentando opiniões infundadas sem embasamento em pesquisas e estudos feitos no Brasil para demonstrar o mapa da violência, simplesmente a pessoa diz que não é bem assim. Quando as mesmas pacientemente argumentam e mostram dados os profissionais partem para a grosseria e elas acabam sendo chamadas de feminazis, coitadinhas e vitimistas. Tudo isso por apenas falar sobre fatores sociais.

Para efetivar esta análise, utilizou-se como metodologia a pesquisa de campo com abordagem quanti-qualitativa e ocorreu na comunidade Quilombola Cedro em Mineiros-GO. Outro recurso metodológico da pesquisa as mulheres participantes responderam ao questionário semiestruturado, Inventário de Habilidades Sociais (IHS 2) e a Escala de autoestima de Rosenberg (RSES). Sendo o intuito dessa pesquisa avaliar as interferências que uma sociedade externa à comunidade pode trazer de impactos para autoestima das mulheres afrodescendentes que fazem parte da Comunidade Quilombola - Cedro da cidade de Mineiros-Go. Neste sentido, este estudo tem por objetivo verificar como as interações sociais externas ao quilombo pode interferir na autoestima da mulher afrodescendente.

2 | METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem quanti-qualitativa e ocorreu na comunidade Quilombola Cedro em Mineiros-GO. Inicialmente, mulheres afrodescendentes vinculadas a esta comunidade, foram convidadas a participar de uma breve apresentação deste estudo. As que concordaram em participar da pesquisa realizaram o preenchimento dos questionários e escalas, sendo assim contabilizando 46 participantes que se enquadraram nos critérios da pesquisa.

O perfil das participantes foram apenas mulheres afrodescendentes que fazem parte da comunidade quilombola Cedro de Mineiros-Go, com idade entre 18 aos 59 anos.

As que concordaram em participar responderam ao questionário semiestruturado, Inventário de Habilidades Sociais (IHS 2), que teve como objetivo avaliar as características e o desempenho social em diferentes situações (trabalho, escola, família, cotidiano), e a Escala de autoestima de Rosenberg (RSES).

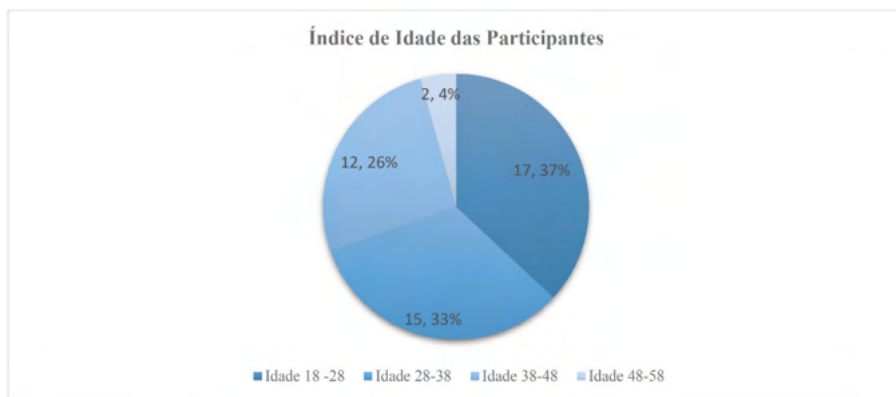
Os questionários e escalas foram mensurados e posteriormente tabulados em

pacote OFICCE EXCEL. Seguindo a diretriz da resolução 466/2012 do CNS, o estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa UNIFUNEC, sob o parecer 4.876.048.

As respostas discursivas do questionário foram avaliadas individualmente fazendo a correlação dos resultados com as respostas das escalas e inventários e análise das respostas do questionário.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Referente ao questionário demográfico foram coletadas as seguintes informações: estado civil, escolaridade, onde residem atualmente, vínculo profissional especificando o tipo de atividade que elas exercem para que assim, posteriormente, seja feita a análise global dos itens.



FONTE: própria – 2021.

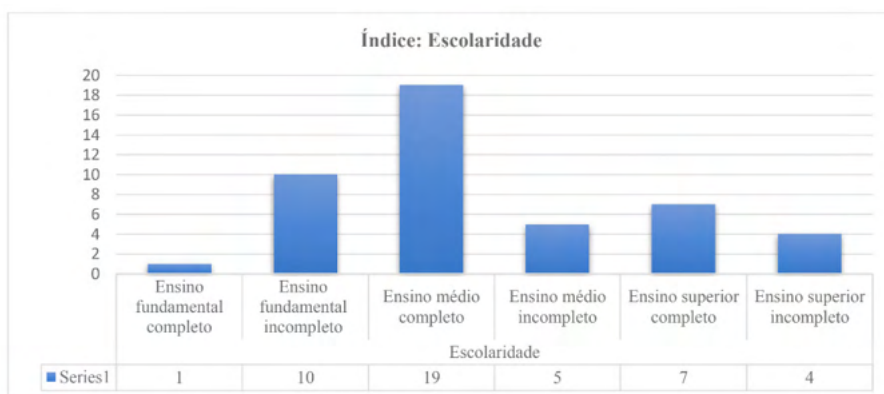
O questionário teve como objetivo obter dados demográficos das mulheres pesquisadas onde a primeira abordagem foi referente a faixa etária e obteve o seguinte resultado: Das entrevistadas, 17 mulheres se enquadram na faixa etária de 18 a 28 anos, 15 se encaixaram na faixa etária de 28 a 38 anos e 12 estavam na faixa etária entre 30 a 48 anos e 2 das participantes entre 48 a 58 anos, demonstrando assim que a maioria das pesquisadas são mulheres jovens.



FONTE: própria – 2021.

Quanto a tabulação dos dados referentes ao estado civil foi possível perceber que as mulheres afrodescendentes pesquisadas o maior índice foi de 32 mulheres solteiras e apenas 10 casadas e 3 viúvas.

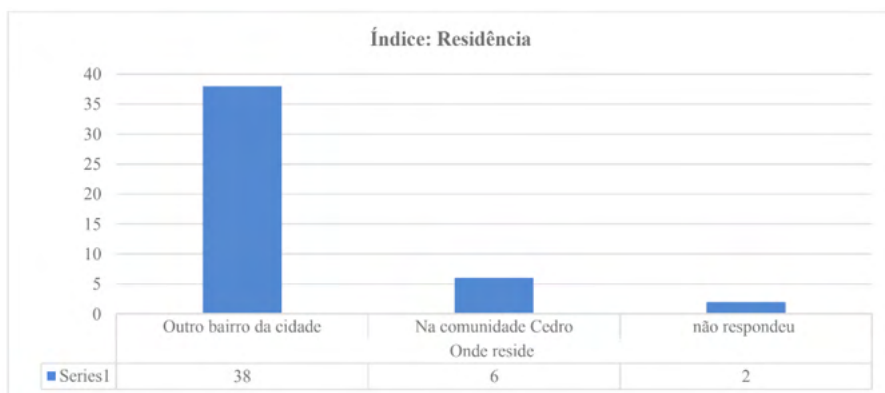
Com referência a esse índice podemos citar a fala da autora Assis (2018), a qual revela que um dos motivos referentes a solidão da mulher negra está muito vinculado aos padrões de beleza, sendo o padrão de beleza branco e os traços negroides ainda muito estigmatizado, faz com que mesmo que as mulheres negras tenham um relacionamento afetivo, os seus parceiros não assumem um relacionamento sério com elas e, muitas vezes, hesitam em surgir publicamente com uma mulher branca.



FONTE: própria – 2021.

Posteriormente procurou-se verificar a escolaridade das mulheres da comunidade Quilombola Cedro e obteve o resultado a seguir: o maior índice é de mulheres com o ensino médio completo contemplando 19 participantes enquanto 10 mulheres estão com o Ensino

Fundamental Completo e 1 incompleto, quando se volta o olhar para o Ensino superior apenas 7 mulheres concluíram e 4 não finalizaram a graduação. Podendo assim observar que entre as participantes não teve índice de analfabetismo.

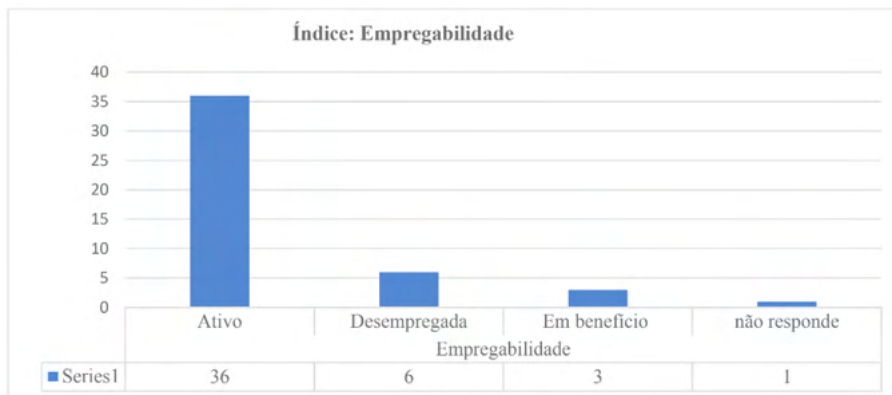


FONTE: própria – 2021.

Conforme os dados acima, apenas 6 mulheres residem na comunidade quilombola e as outras 38 mulheres moram em outros bairros da cidade, sendo que 2 participantes não responderam a essa pergunta. Demonstrado assim que a maior parte das pesquisadas não residem na comunidade Cedro.

Importante compreender a expansão urbana sobre o quilombo e as implicações da modernidade no modo de vida tipicamente tradicional, conforme ressalta a autora Bentes (2018). O enfoque principal está relacionado às mudanças ocorridas no território e no modo de vida, analisando o processo de urbanização como elemento que contribuiu para ocasionar as perdas materiais e imateriais desses sujeitos.

Sendo assim, a autora acima citada destaca que a expansão urbana sobre o quilombo e as implicações da modernidade no modo de vida tipicamente tradicional, alterou as formas de ocupação e formação dos quilombos, assim como a organização espacial e as relações de vizinhança, solidariedade e compadrio.



FONTE: própria – 2021.

E referente a empregabilidade das participantes pesquisadas, 36 mulheres atualmente estão trabalhando e apenas 6 estão desempregadas, sendo 3 em benefício e 2 participantes não responderam a esta pergunta.



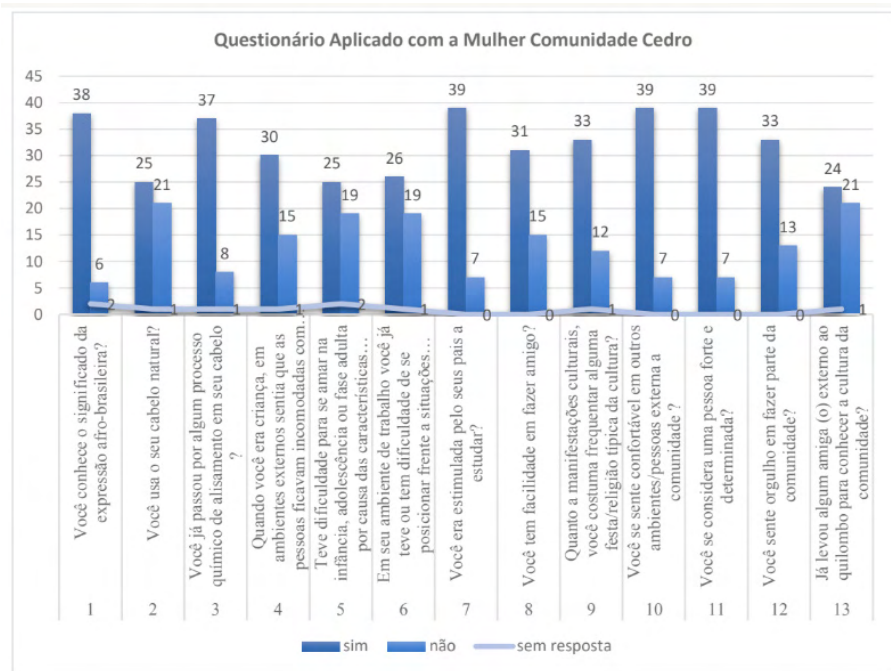
FONTE: própria – 2021.

Contudo, pode-se perceber que o maior índice de área de atuação entre as mulheres foi a de trabalho autônomo com 13 mulheres e 10 trabalham na área do comércio. Sendo apenas 7 mulheres trabalhando no serviço público, 5 mulheres na área da indústria e 4 mulheres não trabalham atualmente e outras 6 mulheres responderam outros, significando trabalhar em outros trabalhos não mencionados nas opções descritas no questionário.

Pesquisas referem que a mulher negra atualmente ocupa cargos inferiores, sendo explicitamente desvantajosa sua participação no mercado de trabalho, e quando consegue ocupar um cargo superior ainda enfrenta o preconceito racial, como demonstra o trecho de Bento (1995):

Há décadas a mulher negra vem sendo apontada como aquela que experimenta a maior precariedade no mercado de trabalho brasileiro. Entretanto, os estudos que aprofundaram a perspectiva de gênero raramente levam em consideração a variável cor.

Após a avaliação da parte do questionário que buscou avaliar os quesitos sócios demográficos, buscamos entender alguns aspectos que a mulher afrodescendente vivenciou de situações de preconceitos e interferências sociais que elas sofreram ao decorrer de suas vidas, com as seguintes perguntas conforme demonstrado nos gráficos a seguir:



FONTE: própria – 2021.

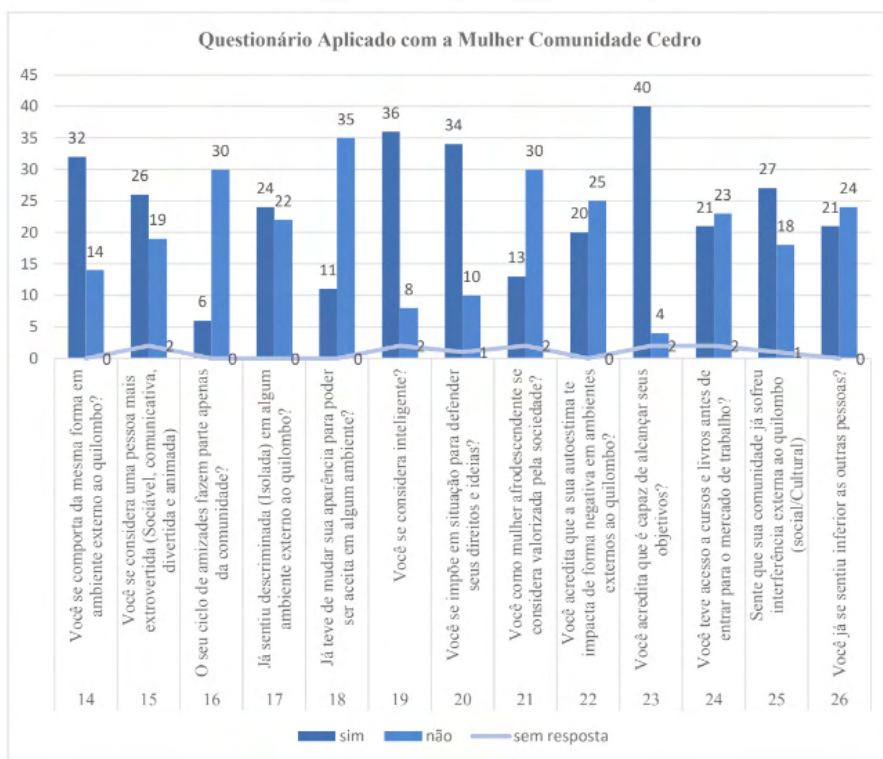
As participantes demonstraram ter conhecimento do significado da expressão afro-brasileira com um índice de 38 mulheres e um indicador de 6 demonstraram não ter conhecimento de tal terminologia.

Foram também questionadas quanto a usar o seu cabelo natural, evidenciando que 25 participantes relataram usar o cabelo natural e 21 não usam cabelo natural. Contudo o cabelo crespo é essencialmente uma expressão da identidade negra que sofreu e sofre com o preconceito racial, que pode levar os indivíduos à recusa de suas raízes crespas, indo à busca da estrutura capilar similar à de seus opressores. Desta forma, a estética eurocêntrica se torna uma arma de opressão sobre os corpos e os cabelos crespas da mulher negra, que tenta se enquadrar ao padrão de estética branca, sem perceber o quanto

foi influenciada, ao considerarem o cabelo crespo como ruim, sujo e duro (QUEIROZ, 2019).

E quando perguntadas se já passaram por algum tipo de procedimento químico de alisamento em seu cabelo, 37 mulheres afirmaram que já realizaram alguma forma de procedimento químico e 8 nunca fizeram nenhum tipo de procedimento e apenas uma participante não respondeu a esta pergunta. Ao observar uma pesquisa realizada pelo autor Queiroz (2019) a primeira variável qualitativa, a pergunta é se a mulher sempre utilizou o cabelo naturalmente crespo/cacheado, e 80% das mulheres responderam que não, ou seja, isso significa que em alguma vez de sua vida essa mulher já relaxou, alisou ou fez algum procedimento químico que mudasse a sua estrutura capilar.

E ao responderem a questão: “Em seu ambiente de trabalho você já teve ou tem dificuldade de se posicionar frente a situações negativas?”. Observa-se um indicador de 26 mulheres terem dificuldade de posicionar no seu ambiente de trabalho e 19 relataram não terem dificuldade. Pode-se afirmar que o mercado de trabalho brasileiro, em que pese a existência de mulheres negras, é influenciado pelas opressões interseccionadas de raça, gênero e classe, pois elas não só ingressam menos no mercado de trabalho, mas ingressam em locais fixos, estereotipados e ainda mais explorados (BUENO, 2018).



FONTE: própria – 2021.

Pode-se observar a questão 26 do questionário a seguinte pergunta: Você já sentiu discriminada (Isolada) em algum ambiente externo ao quilombo? Nessa pergunta 22 participantes relataram não ter tido essa vivência e 24 relataram que já vivenciaram alguma forma de discriminação ou isolamento em ambientes externos ao quilombo. Destas somente 16 participantes evidenciaram as situações e os ambientes onde o fato ocorreu. Destacamos que 18 participantes não relataram ter vivenciado discriminação e 8 relataram ter vivenciado, mas não descreveram o ambiente e situação. Buscamos relatar as descrições conforme a escrita das participantes e relato no questionário, abaixo está descrito a evidência:

"Na rua em frente um bar quando eu minha irmã estava passando.... ouvir pretinhas putinhas gostei"

"Nas festas era motivo de chacota por conta de algumas características "

"quando cheguei na igreja fui maltratada devido a minha cor, está aconteceu há uns 10 anos atrás"

"Em todos os lugares nunca me sinto a vontade "

"Na escola muitas vezes, no comercio também, tive muita dificuldade para encontrar um trabalho."

"no meu trabalho e na igreja"

"Na escola meus colegas me chamavam de macaca eu ficava muito triste com esse apelido"

"Em várias situações em comercio e até mesmo na faculdade"

"Na igreja"

"em todo lugar"

"sim, fui discriminada por um professor no ensino médio"

"família"

"No comercio, fazendo compras percebi que estava sendo seguida pelo dono do estabelecimento, com receio que eu ia pegar algo."

"Comercio. "Entrei em uma loja para comprar uma sandalha, a atendente parou de me atender e foi atender uma família que chegou logo em seguida."

"Sim e sala de aula. Pelo fato de fala que eu sou da comunidade quilombola que só tem "negrinhos"

"Infância".

No que se refere a contextualização do preconceito Picazio, (1999), descreve o ato do preconceito como sendo um pré-julgamento, um sentimento ou resposta antecipado a coisas ou pessoas, desta forma não se baseia em experiências reais e para completar a ideia do autor anterior segue o trecho de uma outra obra:

O preconceito seria apenas a crença prévia (preconcebida) nas qualidades morais, intelectuais, físicas, psíquicas ou estéticas de alguém, baseada na ideia de raça. Como se vê o preconceito pode manifestar-se, seja de modo

verbal, reservado ou público, seja de modo comportamental, sendo que só nesse último caso é tido como discriminação (GUIMARÃES, 2004, p.18).

Na atual sociedade brasileira, mulheres continuam sendo vítimas de preconceitos em consequência da falta de tratamento igualitário. Apesar de terem conquistado espaços no âmbito institucional, ainda sofrem com as piores colocações no ambiente de trabalho (GROSSI, 2013). Um estudo feito por pesquisadores da Universidade do Texas mostra que pessoas que sofreram com discriminação estavam sujeitas a desenvolver alcoolismo e depressão. A discriminação para Sanz, (2017), tem impactos semelhantes à perda do emprego ou à morte de um ente querido.

Ao responderem à questão “Já teve de mudar sua aparência para poder ser aceita em algum ambiente?”. Observou-se que 11 relataram ter realizado mudança para serem aceitas em algum ambiente e destas, somente oito participantes relataram o ambiente que tiveram que realizar mudanças e 2 não identificaram o ambiente. Entretanto, 35 mulheres afirmaram não terem realizado mudança.

Segue o relato das participantes que relataram o ambiente:

“praia no shopping”

“quando comecei (escola) lá tive que alisar o cabelo”

“no trabalho ou em ambiente classe alta”

“escola”

“Percebo que você não tiver um cabelo liso o mundo não te aceita.”

“Foi dolorido não quero falar.”

“Para ter amigo”

“Meu marido”.

Porém quando elas foram questionadas através desta pergunta: “Você já se sentiu inferior as outras pessoas?” pode-se observar que 24 mulheres responderam não terem sentido inferior a outras pessoas, entretanto 21 participantes afirmaram que já se sentiram inferiores as outras pessoas. Quanto ao relato de vivência 15 participantes evidenciaram as situações e ambiente, outras 18 participantes não responderam e 6 responderam sim e não evidenciaram, sendo assim segue tais comentários descritos por elas na resposta da pergunta:

“trabalho, fui contratada para ser sacoleira, mas cheguei lá foi para (almoxarifado) “.

“Já se sentiu inferior por conta dos estudos, sobre bens materiais eu não ligo muito não. Meus familiares e minha mãe sempre me estimularam a estudar e eu não quis me sinto culpada”.

“em todos lugares citados”.

“ em tudo”.

“Muitas vezes, em tudo até em família mesmo. Um exemplo é quando eu vou

em algum lugar e percebo que tem apenas pessoas com mais condição do que eu”.

“quando levo uma criança no hospital você espera mais que as brancas e o convenio é o mesmo”.

“em sala de aula”.

“no comercio”.

“Em várias localidades, exemplo (entrevista), entre outros”.

“Trabalho, família, faculdade”.

“Não entendo muito, porque uns tem tanto outros tem nada”.

“Comercio local, ao ser deixado de lado por uma atendente”.

“Sim! Sim principalmente perante aos ‘pés da sociedade”.

“Grifou, sala de aula e comercio”.

“Em quase tudo”.

Segundo Kilomba, (2019), uma pessoa se torna diferente quando dizem para ela que ela difere daquela/es que têm o poder de se definir como “normal”. Geralmente a pessoa branca não se vê si mesmo como diferente, mas vê a pessoa negra como tal. Sendo que a diferença é habitualmente utilizada como uma marca para a invasão, uma violação para com os negros.

Sendo a pessoa negra assombrada por memórias e experiências que causaram uma dor desumanizante, uma dor da qual se tem pressa de fugir. O racismo cotidiano revela esse primeiro elemento do trauma quando alguém é inesperadamente agredido por evento violento que é experimentado como choque e persistem em assombrar o eu. Quando o negro denuncia o racismo, o sujeito branco regride a um comportamento imaturo com padrões infantis como ficar mal-humorado, irritado ou ofendido, utilizando como defesa para não lidar com tal informação, fazendo assim com que o sujeito branco se torne novamente a personagem central que precisa de atenção, enquanto o sujeito negro é colocado como secundário (KILOMBA, 2019).

Contudo na pergunta: “Sente que sua comunidade já sofreu interferência externa ao quilombo (social/Cultural)”, 27 depoentes responderam sim e destas, 14 evidenciaram as interferências que ocorreu na comunidade quilombola. E um total de 21 das pesquisadas relataram não ter sofrido interferência. Assim, quanto a resposta em aberto não responderam 15 participantes e 11 responderam sim, mas não relataram. E os demais participantes evidenciaram segue o relato de evidência das quatorze participantes.

“foi quando muitos acontecimentos que beneficiava os outros”.

“Demorou muito os quilombos ser visto, as coisas estão mudando, mudaram como está sendo vista”.

“Em todos os setores de uma sociedade externas”.

“Interferências políticas/ou conflito de interesses”.

"Em alguns eventos na cidade nossa comunidade tem espaço pra expressar".
"muda vida".
"no (cabelo) não podemos usar nossas vestimentas colocamos (peruca)".
"sim com a aproximação da cidade se perdeu a cultura do quilombo".
"acho que com a evolução foi mudando".
"As opiniões mudaram com a chegada de novas pessoas".
"com a espação de grupos, a comunidade foi perdendo sua identidade, ao ser introduzida pessoas fora do contexto cultural"
"Em tudo".
"Cultura".
"Vivemos um padrão branco".

Podendo perceber assim que a maioria das expoentes acreditam que a comunidade já sofreu algum tipo de interferência externa ao quilombo.

Dando continuidade à pesquisa, as entrevistadas foram abordadas com a seguinte pergunta: "Você gostaria de deixar alguma outra informação ou recado especial enquanto mulher negra?". Nessa questão a participante pode ficar à vontade para compartilhar algo que não tinha sido colocado no questionário para que assim elas pudessem trazer qualquer mensagem que elas acreditassem ser importante.

Segue as mensagens deixadas pelas participantes da pesquisa:

"Nas mulheres seria bem melhor para nós juntas adquirirmos mais coisas".
"Que mulher negra também sabe se amar... "
"Que todas mulheres se ame".
"não podemos esperar que o mundo melhor, para então sermos vistas".
"Nós mulheres Negras temos que nos dar e valorizar do jeito que somos "
"Aceite seu jeito de ser".
"igualdade".
"A mulher negra é linda e guerreira muito forte".
"eu gostava de trabalhar com as mulheres e (idosos) e adolescentes melhorar a autoestima e a solidão da mulher negra" .
"Se valoriza e se respeita! "
"As pessoas fazem muita diferença por causa da roupa e pele".
"Você é a menina dos olhos de Deus! "
"Tenham foco força e fé e que tudo dará certo".
"Ser mulher negra é muito difícil, somos resilientes desde nascidas, mulheres estudem, trabalhem, cresçam e sonhem também".
"Se ame do jeito que é".

“ Sim! A mulher negra querendo ou não sempre vai ser rejeitada pela sociedade pela cor da sua pele ou pelo seu estilo de cabelo aos poucos temos conquistado nosso espaço, mas ainda resta muita coisa para sermos respeitadas e reconhecidas pelo que somos”.

“ Temos que expor nossas opiniões sim, e fazer valer sempre nossos direitos na sociedade, mas para isso é preciso nos aceitar como somos mulher, negra. “

“ mulher independente de qualquer situação não abaixe sua cabeça a ninguém por causa de sua cor ou cultura”.

“ Vamos nós aceitar do jeito que somos”.

“ Um mundo igual”.

Através das mensagens deixadas pelas participantes, podemos observar mensagem de força e determinação, e uma consciência muito forte da importância das mulheres se apoiarem e, juntas, transformarem a sociedade em um lugar melhor para se viver, e com isso podemos perceber a importância da luta das feministas pela igualdade.

Segundo o autor Ludovico, (2018), o feminismo é um movimento que luta pela garantia da igualdade dos direitos sociais e políticos das mulheres. Devido a ele, surgiu a importância e relevância de criar algumas vertentes específicas para determinados grupos de mulheres, sendo uma delas o feminismo negro, que nasceu em virtude das discussões sobre as dimensões de gênero e raça (RIBEIRO, 2018).

Durante a segunda análise, verificou-se o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-2) que é um instrumento de auto relato, permitindo caracterizar o desempenho social em diferentes situações (trabalho, escola, família, cotidiano). Sendo que as habilidades sociais são os “comportamentos sociais valorizados em determinada cultura que aumentam a probabilidade de resultados favoráveis para o indivíduo, seu grupo e comunidade e podem contribuir para um desempenho socialmente competente e, tarefas interpessoais” (A Del Prette, & Del Pretti, 2017).

As habilidades sociais são relacionadas como sendo situacionais, culturais e aprendidas. Conforme A Del Prette, & Del Pretti (2017) conceituando as habilidades sociais são situacionais, ou seja, uma pessoa pode apresentar uma classe de habilidades sociais em uma situação, porém em outras não. Sendo importante identificar as habilidades sociais que o indivíduo apresenta como recurso mais generalizado e as habilidades que se apresentam como deficitárias em situações específicas, ou de forma mais generalizada, para uma compreensão do seu funcionamento psicossocial e para um diagnóstico funcional que possa informar eventuais intervenções. Já as culturais, os comportamentos que contribuem para a competência social dependem dos valores e normas da cultura, embora se possa (e se deva) reconhecer que existem alguns valores universais como o direito à vida, à dignidade e à igualdade perante a lei. Quando uma pessoa ou grupo de pessoas infringe direitos interpessoais, estabelece-se uma demanda para o exercício das habilidades assertivas, seja em termos de defesa de direitos ou de reivindicação do

equilíbrio nas relações interpessoais ou entre categorias amplas.

O autor acima citado destaca que as habilidades sociais são aprendidas, comumente de forma assistemática, nas relações interpessoais e na família, na vizinhança, na escola, no trabalho com os demais. Importante ressaltar que essa aquisição não ocorre de forma natural, as habilidades sociais podem ser ensinadas de forma sistemática, por meio de programas de treinamentos de habilidades sociais, terapêuticos ou preventivos.

Com base nestas descrições do autor os dados obtidos da aplicação do IHS 2 realizadas nas mulheres afrodescendentes pertencentes da Comunidade Quilombola Cedro demonstraram os seguintes dados:



FONTE: própria – 2021.

Com análise dos gráficos podemos perceber que o escore geral maior foi o repertório inferior de habilidades sociais sendo este o indicativo de déficit e necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nas subescalas e itens mais críticos para ajustamento pessoal e profissional, sendo que o menor escore geral foi o de repertório elaborado de Habilidades Sociais que é indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios.

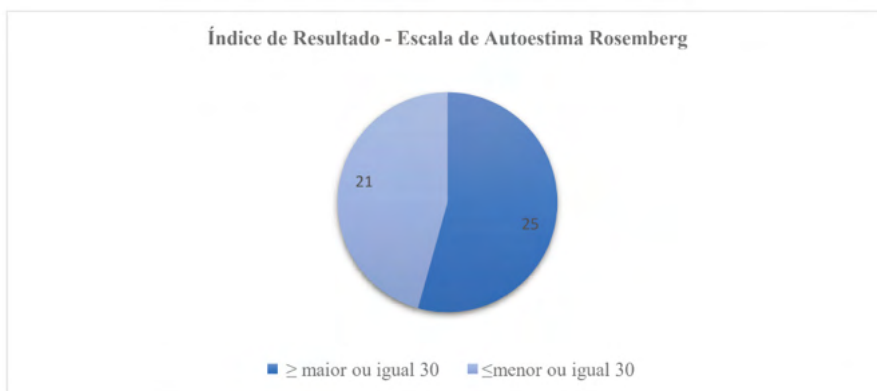
Apuração do Fator					
	F 1	F2	F3	F4	F5
Fator	Conversação assertiva	Abordagem afetivo-sexual	Expressão de sentimentos positivos	Autocontrole e enfrentamento	Desenvoltura social
Alto	18	15	6	10	1
Baixo	11	7	25	14	8

FONTE: própria – 2021.

Dentre os itens de cada fator analisado na pesquisa o que apresentou maior índice positivo foi o fator de conversação assertiva, sendo esta a habilidade de autoconfiança em situações de enfrentamento com risco potencial de reação indesejável por parte do interlocutor (possibilidade de rejeição, de réplica ou de oposição), como as de iniciar, manter e encerrar conversação, lidar com críticas e elogios, abordar autoridade, fazer perguntas e pedir favores a desconhecidos, negociar uso de preservativo, que podem requerer, iniciar e manter conversação, falar em público, expressar desagrado e pedir mudanças de comportamento.

E o fator com maior necessidade de desenvolver a habilidade foi a expressão de sentimentos positivos, que é a Habilidade para expressar e lidar com demandas de expressão de afeto positivo diante de familiares e outros, incluindo fazer e agradecer elogios, expressar afeto e amor, conversar com desconhecidos e mesmo lidar com críticas justas e defender outros grupos.

E por último, foi analisado a Escala de Autoestima de Rosenberg, a qual implica sentimento de valor, englobando um componente predominante afetivo, expresso em uma atitude de aprovação e desaprovação em relação a si mesmo. Partindo desta concepção, o instrumento é composto por 10 questões com conteúdos referentes aos sentimentos de respeito e de aceitação de si mesmo, sendo que a pontuação necessária para apresentar uma autoestima satisfatória é definida com o escore maior ou igual a 30 (VISCARD; CORREIA, 2017).



FONTE: própria – 2021.

Diante do que está exposto no gráfico, ficou evidenciado que entre a maioria das pesquisadas, 25 demonstraram ter uma autoestima alta, assim como Morais (2016) descreve em seu estudo, que as mulheres afrodescendentes têm aumentado a autoestima, pois passaram a se aceitar e a se conhecer, sendo por suas lutas, ou através de maior representatividade. Carvalho (2015), também concorda que para se possuir autoestima a

mulher afrodescendente precisa se reconhecer primeiramente, pois cabe a esta mulher se achar bonita, suficiente, forte, para que a autoestima se mantenha.

Souza e Araújo (2014), demonstraram em seu estudo que a autoestima das mulheres afrodescendentes está em ascensão, mas ainda está longe do que se considera aceitável, o que não contraria o que foi observado neste estudo, pois mesmo que a maioria tenha tido o resultado de autoestima alta, a diferença não foi muito grande, o que nos indica que ainda deve se ter mudanças, para que estas mulheres se aceitem e melhorem a autoestima.

4 | CONCLUSÃO

Contudo, pode-se perceber que as mulheres da comunidade quilombola apresentam autoestima satisfatória, porém com um indicativo de déficit em suas habilidades sociais do inventário IHS 2, sendo este um indicador da necessidade de reflexão sobre a importância dessas mulheres se sentirem confortáveis e confiantes perante a ambientes sociais, mesmo que elas reconheçam suas qualidades e pontos positivos elas não conseguem ainda assim ter um bom repertório social.

O indicador de Habilidades Sociais mostra a importância da avaliação e da promoção do desempenho interpessoal. As pessoas socialmente competentes nestas habilidades apresentam relações pessoais e profissionais mais produtivas, satisfatórias e duradouras, além de melhor saúde física e mental (RODRÍGUEZ, RUBIO & EXPÓSITO, 1995).

Dentre os itens de cada fator analisado na pesquisa, o que apresentou o melhor fator foi o de conversação assertiva, sendo esta uma habilidade de autoconfiança, e o fator o qual deve ser desenvolvido foi o de expressão de sentimentos positivos, que é a habilidade para expressar e lidar com demandas de expressão de afeto positivo diante de familiares e outros, incluindo fazer e agradecer elogios, expressar afeto e amor, conversar com desconhecidos e mesmo lidar com críticas justas e defender outros grupos.

Além dos contextos específicos, a relação direta entre habilidades sociais e saúde ou qualidade de vida, associada a sua relação inversa com transtornos psicológicos e outros problemas de funcionamento psicossocial trazem a tona a importância da avaliação (e a promoção) de habilidades sociais em contextos de atendimento terapêutico e preventivo. Já as consequências negativas da baixa competência social, podem constituir em sintomas de transtornos psicológicos, sendo eles: delinquência juvenil, desajustamento escolar e problemas conjugais, além de síndromes clínicas como depressão, pânico social e esquizofrenia e outros transtornos mentais, bem como problemas de comunicação e inadequação social associados a problemas psicológicos e psiquiátricos, como fobia social, timidez, isolamento social, ansiedade social e transtornos de espectro autista em geral (BRAZ, TEIXEIRA, & DEL PRETTE, 2018).

Constatou-se no questionário aplicado nas mulheres da comunidade Cedro o que as mulheres pesquisadas já sofreram com algum impacto do preconceito racial em

algum momento de sua vida, ocasionados pelo racismo estruturado de nossa sociedade em ambientes diversos como demonstrado através dos relatos das participantes nos questionários sendo eles: na rua, comércio, escola, trabalho e ambiente familiar.

O racismo cotidiano não é um evento isolado, mas sim um acúmulo de episódios que desencadeia os traumas de uma história colonial coletiva. Entretanto o trauma de ter sido atacada pelo racismo se torna uma possessão, que assombra o sujeito e interrompe, repetidamente, seu senso normal de previsibilidade e segurança. Viver o racismo é tão excessivo e intolerável para a organização psíquica, que a violência do racismo assombra o sujeito negro de maneiras que outros eventos não o fazem (KILOMBA, 2019).

Os eventos traumáticos envoltos do preconceito racial que as mulheres afrodescendentes da comunidade quilombola Cedro já vivenciaram em algum momento de sua vida, fez com que elas criassem barreiras internas em relação aos outros, como demonstra o IHS2 e com uma avaliação positiva de si faz com que elas tragam relatos de força e determinação no questionário, para que assim elas consigam se fortalecer perante uma sociedade que muitas vezes as trataram com desigualdade e com preconceito racial.

Segundo as análises feitas, pode-se concluir que os contextos externos a comunidade quilombola Cedro de Mineiros-GO, interfere em como a mulher afrodescendente se comporta frente a ambientes sociais. Entretanto ao olhar para autoestima das mulheres pode-se perceber que a maioria delas estão com uma autoestima/autoavaliação positiva sobre si, sendo esse um indicativo muito importante, pois mesmo que as mulheres da comunidade se autoavaliem positivamente, elas não conseguem ter uma boa relação com os contextos externos a comunidade, trazendo assim alguns prejuízos para sua vida. E pode-se observar também que durante a coleta dos dados as mulheres afrodescendentes não utilizavam itens de referências a sua cultura como roupas típicas, turbante. E poucas participantes estavam com o uso de seu cabelo natural solto e algumas usavam perucas (cabelo liso) e outras cabelo sintético trançado com linha.

Entretanto, a maioria das mulheres pesquisadas já se sentiu pressionadas a passar por processos químicos de alisamento em seu cabelo, sendo essa uma forma de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos” da negritude, contudo as mulheres pesquisadas a maioria estão utilizando seu cabelo natural. Este diferencial nos mostra o quanto a mulher negra, ao usar seu cabelo natural, traz sinais de independência e descolonização em relação às normas brancas, sendo este, um fator de perturbação para o sujeito branco (KILOMBA, 2019).

Com referência a esses resultados, foi realizado a proposta da intervenção grupal com as mulheres da comunidade Cedro, em conjunto com os alunos de psicologia de uma instituição de Ensino Superior, a serem trabalhados temas como empoderamento feminino negro, autoestima entre outros temas.

E para finalizarmos a análise desse estudo reforçando as respostas dadas pelas mulheres afrodescendentes da comunidade quilombola Cedro de Mineiros-GO, quando

questionadas se gostariam de deixar algum recado especial enquanto mulher negra: “Nos mulheres seria bem melhor para nós juntas adquirirmos mais coisas”. “Que mulher negra também sabe se amar...”, “Que todas mulheres se ame”, “não podemos esperar que o mundo melhor, para então sermos vistas”. “Nós mulheres Negras temos que nos dar e valorizar do jeito que somos”, “Aceite seu jeito de ser”. “A mulher negra é linda e guerreira muito forte”, “eu gostava de trabalhar com as mulheres e (idosos) e adolescentes melhorar a autoestima e a solidão da mulher negra”, “Se valoriza e se respeita!”, “Ser mulher negra é muito difícil, somos resilientes desde nascidas, mulheres estudem, trabalhem, cresçam e sonhem também”, “Se ame do jeito que é”. “Temos que expor nossas opiniões sim, e fazer valer sempre nossos direitos na sociedade, mas para isso é preciso nos aceitar como somos mulher, negra.”.

Através destes relatos, pode-se perceber que mesmo com as interferências sociais externas, as mulheres afrodescendentes da comunidade Cedro buscam quebrar estereótipos e se fortalecerem dentro de sua cultura e tentam aceitar suas características.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, SÍLVIO. **RACISMO ESTRUTURAL: FEMINISMOS PLURAIS**. São Paulo: JANDAÍRA, 2021. 264 p.

ASSIS, Camila Vieira da Silva de. MULHERES NEGRAS, OPRESSÕES, FEMINISMO NEGRO E ENTRETENIMENTO. **VI SEMINÁRIO CENTROS CRISE E MUNDO DO TRABALHO NO BRASIL DESAFIOS PARA A CLASSE TRABALHADORA**, [S. l.], p. 2-11, 24 ago. 2018. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-51242-15072018-114301.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

BENTO, MARIA APARECIDA SILVA. BRANQUEAMENTO E BRANQUITUDE NO BRASIL. In: CARONE, IRAY (org.). **PSICOLOGIA SOCIAL DO RACISMO: ESTUDO SOBRE BRANQUITUDE E BRANQUEAMENTO NO BRASIL**. 6. ed. PETRÓPOLIS-RJ: VOZES, 2014. cap. 2, p. 25-57.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **A mulher negra no mercado de trabalho**. Revista Estudos Feministas, v.3, n. 2, p.479-488, 1995. Disponível em: [Doi:https://doi.org/10.1590/%25x](https://doi.org/10.1590/%25x). Acesso em: 05 de outubro 2021.

BENTES, Sílvia Rejane Souza. A relação campo cidade sobre uma análise do território quilombola a partir da comunidade remanescente da Lagoa dos Índios. In: VII SEMANA DE ARQUITETURA E URBANISMO, MOBILIDADE URBANA E SUSTENTABILIDADE: POR ONDE TU ANDAS?, 2018, MACAPÁ, AMAPÁ, BRASIL. **MOBILIDADE URBANA E MEIO AMBIENTE** [...]. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: https://www2.unifap.br/arquitetura/files/2018/10/Silvia-Bentes_VII-SAU.pdf. Acesso em: 1 nov. 2021.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Lex**: Constituição da República Federativa do Brasil, Brasília, 1988. Disponível em: http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/ADC1988_12.07.2016/art_68_.asp. Acesso em: 26/02/2021.

BUENO, Winnie. Mulheres negras e trabalho – considerações a partir do pensamento de Patrícia Hill Collins. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@winniebueno/mulheres-negras-e-trabalho-considera%C3%A7%C3%B5es-a-partir-do-pensamento-de-patricia-hill-collins-pt1-1d90e14caded>. Acesso em: 15 de outubro de 2021.

CARVALHO, E.P. **A identidade da mulher negra através do cabelo**. 2015. Monografia especialização em Educação para as Relações Étnico-raciais. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2015.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - CFP Satepsi - Lista Dos Testes Aprovados. Disponível em: <https://satepsi.cfp.org.br/testesFavoraveis.cfm>. Acesso em: 01/12/2020

CUNHA JÚNIOR, H. A. Quilombo: patrimônio histórico e cultural. **Revista espaço acadêmico**, nº129, fev. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/14999/8667>. Acesso em: 02/03/2021.

FIGUEIREDO, N. O. S. Mídia, cultura e identidade: fragmentos de um olhar. **Revista Momento**, v.4, n.2, jul.-dez. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/user/AppData/Local/Temp/Dialnet-MidiaCulturaEIdentidade-4798967.pdf>. Acesso em: 02/03/2021.

GROSSI, Míriam Pillar; SCHENDEILWEIN, Izabela Liz; MASSA, Jimena Maria. **Discriminação tem gênero no Brasil**. GV-executivo, v. 12, n. 1, jan.-jun. 2013. Disponível em: <https://rae.fgv.br/gv-executivo/vol12-num1-2013/discriminacao-tem-genero-no-brasil>. Acesso em: 14 outubro 2020.

JÚLIO, A.L. Por uma visão psicossocial da autoestima de negros e negras. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, RS, v. 24, n. 62, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/nep/article/viewFile/79/159> Acesso em; 02/04/2021.

KILOMBA, Granda *et al.* **Memórias da plantação**: Episódio de Racismo cotidiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p.

LUDOVICO, Tânia. **A diferença entre o empoderamento feminino e o feminismo**. 2018. Disponível em: <https://aempreendedor.com.br/a-diferenca-entre-o-empoderamento-feminino-e-o-feminismo/>. Acesso em: 14 outubro de 2021.

MOURA, Glória. Educação Quilomba. **TV ESCOLA /SALTO PARA O FUTURO**, RIO DE JANEIRO (RJ), ano 2007, p. 02-41, 10 jun. 2007. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Educacao-quilombola.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2021.

MORAIS, N.C.P. **A importância da autoestima na vida da mulher afrodescendente**. 2016. Tese Doutorado em Ciências da Educação. Universidade Interamericana – políticas públicas, 2016.

PRETTE, Zilda A. P. Del; PRETTE, Almir Del. **INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS 2: MANUAL DE APLICAÇÃO, APURAÇÃO E INTERPRETAÇÃO**. São Paulo: Pearson Clinical Brasil, 2018. 120 p.

PICAZIO, Cláudio. Sexo secreto: **Temas polêmicos da sexualidade**. São Paulo: Edições GLS, 1999.

QUEIRÓZ, Rafeale Cristina de Souza. Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra. **Cadernos de gênero e tecnologia**, [s. l.], v. 12, n. 40, p. 212-229, 15 nov. 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/55649/Downloads/9475-37735-1-PB.pdf>. Acesso em: 8 out. 2021.

RIBEIRO, DJAMILA. **Quem tem medo do feminismo negro**. São Paulo: SCHWARCZ S.A, 2018.

RIBEIRO, DJAMILA. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Schwarcz S.A, 2019.

ROSÁRIO, T. S. A contribuição das youtubers e blogueiras negras à autoestima de mulheres negras. São Francisco do Conde: UNILAB, 2019. 20 p. – Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1752/1/2019_proj_thaisrosario.pdf> Acesso em 30/02/2021.

SANZ, Beatriz. **Racismo não dá descanso e impacta a saúde e o trabalho dos negros no Brasil**. EL PAÍS. 20 nov. 2017. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/17/politica/1510954056_774052.html> Acesso em: 10 de outubro de 2021.

SOUZA, P.B; ARAÚJO, K.A. **A mulher quilombola: da invisibilidade à necessidade por novas perspectivas sociais e econômicas**. Florianópolis, 20p. 2014.

VISCARD, Adriana Aparecida da Fonseca; CORREIA, Priscila Mari dos Santos. Questionários de avaliação da autoestima e/ou da autoimagem: vantagens e desvantagens na utilização com idosos. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, [s. l.], v. 9, n. 3, p. 261-280, 15 nov. 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbqv/article/view/5845/4574>. Acesso em: 5 out. 2021.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso sexual 50, 54, 57, 58, 60, 61

Adolescentes 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 102, 108, 183

Auto da Compadecida 1, 2, 3, 4, 7, 8, 11, 12

Autoestima 89, 91, 92, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110

B

Bibliometria 14, 16, 17, 19, 23, 24, 25

C

Carnavalização 1, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 12

Comicidade 1, 3, 4, 5, 7, 11, 12

Contextos externos 89, 107

COVID-19 35, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 55, 56, 59, 62, 63, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81, 83, 84, 85, 87, 161, 177

Cultura 2, 4, 5, 7, 12, 13, 35, 49, 57, 89, 90, 91, 102, 103, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 130, 133, 158, 161, 192, 206, 216

D

Decolonial 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24

Deslocamento 68, 111, 117, 206

DSM-V 196, 197, 199, 203, 206

E

Educação formal 156, 171

Educação informal 156

Educação não formal 156

Envelhecimento 122, 124, 125, 132, 133, 136, 137

Equipe de contabilidade 185, 186, 187, 193

Espiritualidade 86, 174, 176, 183, 184

Estado 6, 15, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 53, 55, 57, 61, 62, 65, 66, 70, 72, 91, 93, 94, 116, 123, 124, 136, 140, 145, 146, 147, 148, 150, 153, 156, 160, 164, 168, 169, 177, 200, 202

F

Feminismo decolonial 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

Fenomenologia 85, 174, 184

I

Identidade 5, 29, 91, 97, 102, 109, 117, 122, 127, 129, 131, 136, 151, 152, 153, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 178, 181, 182, 198, 207

Idosos 40, 65, 102, 108, 110, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137

Instituições de longa permanência 122, 123, 124, 125, 126, 129, 131, 134, 135, 136, 137

Intervenção 39, 42, 57, 107, 138, 142, 146, 149, 179, 212

Isolamento social 38, 39, 45, 54, 55, 56, 58, 59, 63, 65, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 88, 106, 126, 134

K

Kurt Lewin 26, 27, 28, 29, 31, 34

L

Lazer 36, 52, 57, 68, 76, 77, 81, 86, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 132, 136

Liderança 26, 31, 32, 185, 193

M

Manifestações 1, 5, 6, 7, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 34, 58, 91, 175

Moradia 36, 122, 123, 125, 135, 137, 164

Morte 35, 40, 44, 45, 46, 47, 51, 53, 64, 75, 82, 85, 100, 124, 129, 130, 137, 139

Mulher afrodescendente 89, 92, 97, 106, 107, 109

N

Necroliberalismo 42

Necropolítica 35, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 46, 48, 49

P

Pandemia 35, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 55, 56, 57, 59, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 161, 177, 193, 200, 214

Personalidade 29, 33, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Poder popular 26, 28

Práticas cotidianas 156, 170

Prisões 126, 130, 136, 138, 140, 144, 146, 147, 150

R

Refugiados 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121

Reintegração social 111, 114, 120, 138, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Religiosidade 152, 174, 176, 180, 182, 183, 184, 195

Resistência política 1

S

Saúde emocional 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 72

Saúde mental 32, 33, 62, 64, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 75, 81, 84, 85, 124, 137, 140, 174, 175, 176, 177, 181, 182, 183, 187, 211, 212

Segurança pública 46, 55, 140, 150, 156, 172

Sistema prisional 138, 139, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Soberania 15, 27, 35, 36, 37, 40, 47

Sociologia 12, 48, 150, 196, 197, 198, 207

T

Teste palográfico 185, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 195

Transtorno do Espectro Autista (TEA) 196, 197, 199

U

Universitários 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 72, 73

V

Vazio existencial 74, 75, 76, 80, 83, 84, 86

Velhice 122, 123, 124, 130, 131, 132, 133, 134, 136

Vida 3, 6, 7, 8, 15, 27, 32, 35, 36, 37, 38, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 51, 53, 57, 63, 65, 66, 68, 71, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 95, 98, 102, 103, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 147, 153, 156, 157, 159, 160, 162, 163, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 177, 187, 190, 194, 196, 197, 198, 201, 202, 208, 209, 213, 214

Violência contra crianças e adolescentes 50, 52, 53, 57, 59

Violência sexual infantil 50, 61

A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2



A psicologia no Brasil:

Teoria e pesquisa

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2



Atena
Editora
Ano 2022